



# ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

## DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

**Universidade de Brasília**

**Outubro 2012**





## **“Des maisons d’habitation au Brésil” de L.L. Vauthier: objeto, espaço e cotidiano na abordagem da casa oitocentista brasileira**

Denise Gonçalves - CBHA

**Resumo:** No ano de 1853 é publicada na Revue Générale de l’Architecture et des Travaux Publics uma série de quatro artigos de autoria do engenheiro francês L.L. Vauthier intitulada “Des maisons d’habitation au Brésil”, traçando um quadro da habitação no Brasil oitocentista que ultrapassa em muito os aspectos simplesmente formais. A materialidade da casa é nele explicada através de uma série de relações que remontam ao processo de formação das cidades e que se referem ainda ao clima, relevo e paisagem; aos materiais e sistemas de construção locais; ao trabalho escravo e aos habitantes considerados em sua intimidade cotidiana. Rica em imagens que descrevem o percurso e a experiência espacial do autor, esta abordagem multifocal revela as possibilidades de uma historiografia construída a partir da complexidade das relações que envolvem objeto, espaço e cotidiano.

**Palavras-chave:** casa brasileira oitocentista. objeto, espaço e cotidiano. historiografia das relações

**Résumé:** Au cours de l’année 1853 la Revue Générale de l’Architecture et des Travaux Publics publie une série

d'articles écrits par l'ingénieur français L.L. Vauthier sous le titre "Des maisons d'habitation au Brésil", tout en dressant un cadre du sujet en question qui dépasse largement les aspects simplement formels. La maison d'habitation est ici expliquée au moyen d'une série de relations qui se rapportent au processus de formation des villes, tout en tenant compte autant du climat, du relief et du paysage que des matériaux et des systèmes constructifs locaux, du travail des esclaves et des habitants dans leur intimité quotidienne. Riche en images qui décrivent le parcours et l'expérience de l'espace vécus par l'auteur, cet approche multifocale révèle les possibilités d'une historiographie établie à partir de la complexité des rapports concernant l'objet, l'espace et le quotidien.

**Mots-clé:** la maison brésilienne du XIX<sup>ème</sup> siècle. l'objet, l'espace et le quotidien. historiographie des rapports.

*"Eu imagino um navegador subitamente transportado para as costas do Brasil, sem que ele saiba em que paragens se encontra. Vejamos o que poderão lhe dizer as construções que se ofertarão à sua visão (...) Com algum cuidado com que nosso viajante observe o horizonte recortado pelos penachos verdes das palmeiras (...) ele discernirá sem esforço, se desenhando contra o céu, numerosas cruces coroando um frontão de perfil recortado (...) e se ele estuda com cuidado as linhas arquitetônicas verá o mais frequentemente se ligar à igreja que cada cruz assinala um vasto edificio de aparência maciça, (...), pouco esforço lhe será necessário para reconhecer os traços da sede de uma comunidade religiosa. Em alguns pontos, esses edificios se apresentarão a seus olhos tão abundantemente agrupados, que eles quase sufocarão as casas particulares. Somente, se ele olhar com atenção, poderá ver que a maior parte dessas construções mostram*

os traços dos estragos do tempo (...), ou (ele) verá se agrupar entorno delas, e atravessar suas portas, uma população bem diferente daquela que os ocupava antigamente. Aqui são soldados, lá homens vestidos como todo mundo. Ele julgará, que se o clero regular ocupava em outros tempos esses lugares, seus dias de esplendor esmaeceram e que os edifícios que havia construído receberam uma destinação bem diferente daquela que seus fundadores lhe haviam estabelecido.

Continuando seu percurso, ele observa ainda (...), em toda a costa, nos pontos onde a ressaca não faz as vagas baterem com força demais (...) disseminadas sob os coqueiros, cabanas de pescadores de paredes e telhado de folhas(...).

Se, desviando o olhar da beira do mar, ele estende sua vista mais longe, ele perceberá, atrás da cortina de coqueiros ou no flanco de uma colina, a fumaça de uma longa chaminé à qual se ligam construções cinzentas, contornadas de vastos campos de gramíneas gigantescas que se balançam ao vento. Esse aspecto lhe revelará a agricultura e a indústria reunidas, e se ele procurar discernir os detalhes do grupo de construções que observa, logo verá se destacarem duas partes essenciais: de um lado, uma longa construção, mal coberta, vazada por um sem número de portas estreitas, em torno das quais se amontoa uma população andrajosa; e de outro, uma casa branca, elevada de muitos degraus acima do solo e localizada de modo a permitir uma observação fácil de tudo o que acontece no interior do vasto pátio da usina. Essas moradas tão diferentes não são evidentemente de pessoas da mesma espécie. Ele lerá nesses traços da arquitetura que lá existem escravos e um senhor.

Tais são as linhas principais do quadro que se desenrolaria aos olhos do observador costeando o litoral no qual vamos desembarcar.”<sup>1</sup>

A descrição acima, que reproduz o percurso de uma experiência visual, faz parte da introdução a uma série de quatro artigos publicada em 1853 na *Revue Générale de l’Architecture et des Travaux Publics*, de autoria do engenheiro francês L.L. Vauthier e intitulada “Casas de habitação no Brasil”. Esse estudo feito *in loco* pelo autor e escrito sob a forma de cartas por encomenda do próprio editor da revista, Cesar Daly, corresponde ao crescente interesse no meio arquitetônico europeu primeiramente pelo tema da habitação – que coloca a arquitetura residencial

<sup>1</sup> VAUTHIER, L.L. Des maisons d’habitation au Brésil. In: *Revue Générale de l’Architecture et des Travaux Publics*. Paris: 1853, p. 118-121.

num plano mais alargado das relações com a cidade e/ou território, incluindo os aspectos sociais, econômicos e políticos –; e em particular sobre a habitação nos lugares de clima quente, preocupação explicada pela necessidade das viagens e instalação dos europeus nos cinco continentes em vistas do desenvolvimento do comércio internacional. No que se refere à arquitetura residencial brasileira, alguns aspectos da nossa tradição colonial coincidem com as prescrições a que chegaram esses estudos principalmente no que se refere à casa rural – uma certa “higiene instintiva” traduzida pelas varandas, beirais, pátios, etc. –, o que pode ter aguçado o interesse pelo tema.

O conjunto dos artigos de Vauthier é bastante conhecido e citado pela historiografia de arquitetura brasileira, tanto pela descrição minuciosa dos tipos de casa urbana e rural oitocentista, quanto pela polêmica assertiva de que “quem viu uma casa brasileira viu quase todas”<sup>2</sup> referindo-se à “monotonia desesperante” da nossa arquitetura residencial de meados do século XIX ainda fortemente ancorada no modelo colonial, afirmação que tem suscitado opiniões contraditórias. Nosso interesse em analisá-lo não é o de discutir a propriedade dessa afirmação, mas sim de observar a complexidade da abordagem por trás da narrativa despretensiosa e pitoresca, destinada a cativar o interesse do leitor europeu.

Situando o autor, L.L. Vauthier (1815-1901), engenheiro francês formado pela École Polytechnique e pela École des Ponts et Chaussées, chega ao Brasil ainda jovem, em

---

<sup>2</sup> Op cit, p. 125.

1840, contratado pelo governador de Pernambuco para dirigir uma série de obras locais. Durante os seis anos em que vive na província em questão, dirige a construção de estradas ligando engenhos, pontes e algumas casas, inclusive a do governador, além de implementar medidas de modernização urbanística – coleta de lixo, calçamento e arborização de ruas – e de introduzir a máquina a vapor na produção rural. Sua descrição da habitação brasileira é baseada na realidade da província onde viveu a maior parte do tempo; este pode ser um dos motivos das críticas à generalização dessa realidade quando se refere ao Brasil “modernizado”, i. e., “*o Brasil do açúcar, do algodão e do café [que] não se estende além do Rio de Janeiro ao cabo São Roque*”,<sup>3</sup> ignorando as importantes diferenças que abriga o território brasileiro, e que incluem as maneiras de morar.

Voltando ao texto, o modo como o tema da casa brasileira é introduzido é o primeiro ponto da nossa observação. Após fazer uma breve descrição da geografia do território brasileiro, Vauthier anuncia os tipos de casa urbana e rural inserindo-os diretamente na paisagem descortinada de um ponto de vista exterior, i.e. do navio que ainda se encontra ao largo da costa. Desse modo, metodologicamente está considerando a casa dentro de um contexto espacial maior que relaciona a escala da arquitetura à do território, uma provável influência de sua formação como engenheiro. A partir desse primeiro contato visual que situa o objeto, prepara o zoom ao tema específico

---

<sup>3</sup> Idem, p. 119.

de seu estudo quando convida o leitor a “desembarcar”: *Mas é tempo de colocar os pés em terra*. Começa, então, seu percurso por uma cidade em seu cotidiano, viva, habitada, em constante transformação espacial e que revela as marcas de sua própria história ao observador atento.

A casa urbana aparece como parte desse passeio e desse cotidiano. Antes de se aprofundar no tema, Vauthier justifica sua abordagem da habitação pela premissa: “*Se, na arquitetura doméstica, os costumes são o espírito que engendra, a alma que dá forma à matéria, duas outras circunstâncias vêm lhe impor condições imperiosas: são o clima por um lado, e por outro a natureza dos materiais*”.<sup>4</sup>

A descrição dos dois primeiros pontos, assim, constitui o prólogo que prepara o leitor a penetrar num universo doméstico tão diferente da realidade europeia, marcado por costumes familiares tradicionais de origem portuguesa e pela presença escrava da qual depende todo seu funcionamento. Essa introdução é seguida pela descrição do traçado das ruas e do tipo de lote urbano característico da tradição urbanística local, em transformação nos bairros mais recentes, e que resulta num “amontoado” de casas estreitas e longas cujas fachadas definem as ruas, um costume obsoleto mas ainda observável nas partes mais antigas da cidade. A mesma mentalidade conservadora que constrói o “amontoado” de casas determina a ausência completa de vegetação numa cidade dos trópicos: “*A vegetação é o campo, e as árvores não são dignas de se combinar às obras do homem*”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Op cit, p. 121.

<sup>5</sup> Idem, p.125.

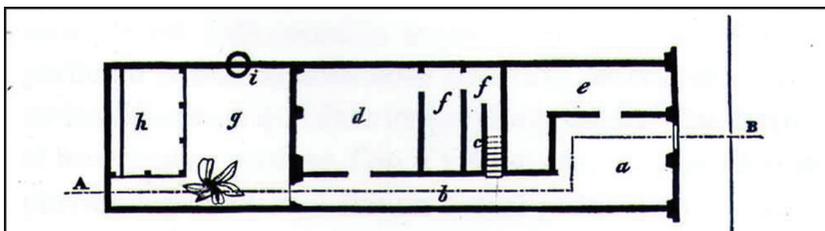


Fig. 2.ª Rez-de-chaussée.

a, Vestibule. — b, Corridor. — c, Escalier. — d, Chambre des hôtes. — e, Lodgement des esclaves mâles. — ff, Cabinets noirs. — g, Cour. — h, Ecurie. — i, Puits.

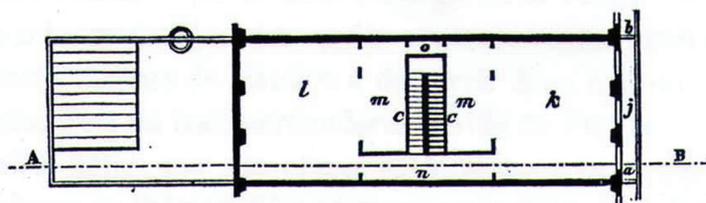


Fig. 3. Premier étage.

j, Balcon. — k, Salle de devant. — l, Salle de derrière. — m, m, Alcôves. — n, Corridor principal, — o, Corridor de dégagement.

Figura 1 - Planta baixa de uma casa urbana padrão.

Enquanto o desenho urbano explica a “monotonia” do agenciamento das casas, e leva à polêmica afirmação à qual nos referimos anteriormente, os costumes familiares determinam o funcionamento e as formas de viver no espaço doméstico. O leitor é convidado a visitar esses espaços do cotidiano e a observar a intimidade dos interiores; através das descrições da arquitetura, do mobiliário e da decoração por vezes existente, assim como de seus habitantes e suas maneiras de morar, pode perceber a hierarquia social que perpassa os poucos tipos da habitação urbana

local, da casa térrea ao sobrado, da casa “modernizada” à tradicional. (Figura 1)

O mesmo “passear” conduz o leitor a deixar gradativamente o espaço urbano em direção ao campo. À medida que se afasta da cidade o observador percebe as mudanças na paisagem e nas tipologias das casas que se tornam mais variadas, libertas das limitações do lote urbano e da maneira de morar citadina. Chega-se ao final do percurso ao engenho que é descrito detalhadamente, o interesse provavelmente despertado pelas particularidades de seu funcionamento e pelas relações sociais que se refletem em sua organização espacial. O visitante europeu descreve a casa grande em função dos costumes do “morar rural” ao mesmo tempo em que, inserindo-se ele próprio no cotidiano do espaço doméstico, usufrui da hospitalidade dos senhores – o texto traça um quadro vivo desse tipo de habitação rural brasileira. Completando seu estudo, como não poderia deixar de ser, Vauthier dedica um artigo inteiro dentre os quatro que compõem a série a uma descrição detalhada e precisa dos materiais e sistemas construtivos locais, sempre sob a ótica das relações com o território e o clima, com a tradição portuguesa e com a mão de obra local. (Figuras 2 e 3)

Gostaríamos de ressaltar dois aspectos sobre a abordagem da habitação brasileira oitocentista pelo engenheiro francês. Em primeiro lugar, o quadro da casa urbana mostrado por Vauthier indica que a assertiva frequente na historiografia, de que a maneira de morar da sociedade brasileira teria se modernizado no decorrer do

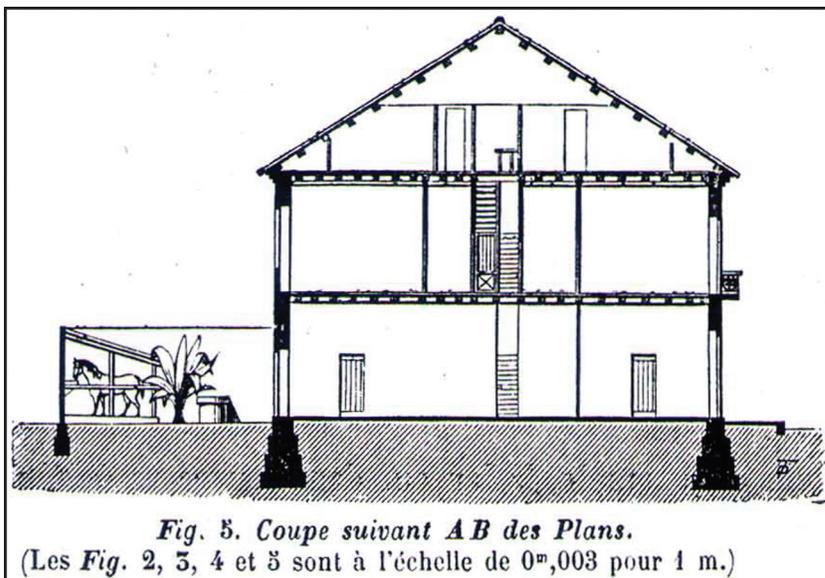


Figura 2 - Corte longitudinal de uma casa urbana padrão.

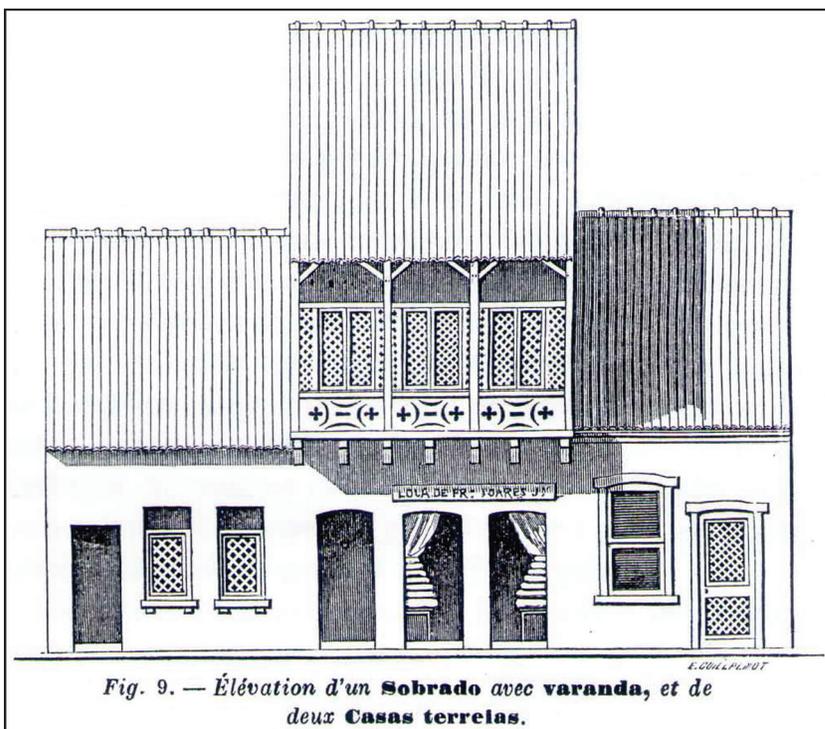


Figura 3 - Elevação de um sobrado e casas térreas urbanas.

século XIX, é uma simplificação por demais generalizante. A modernização do cotidiano é a última instância da modernidade, o que o estudo acima ilustra é que esse é um processo complexo envolvendo muitas nuances e muitas permanências que dificilmente se enquadrariam numa temporalidade determinada e contínua.

O segundo ponto a observar é a abordagem da arquitetura residencial feita pelo engenheiro. Sob a forma despretensiosa de um simples relato de viagem e através de uma linguagem acessível ao público leigo, Vauthier traça um quadro da habitação no Brasil oitocentista que ultrapassa em muito os aspectos simplesmente formais. A materialidade da casa é explicada através de uma série de relações que remontam ao processo de formação das cidades e à espacialização das funções urbanas e que se referem igualmente ao clima, relevo e paisagem; aos materiais e sistemas de construção locais; ao trabalho escravo; e aos habitantes considerados em sua intimidade cotidiana, quer seja em seu “morar urbano” quer em seu “morar rural”. Inserido numa espacialidade maior e na temporalidade descontínua das práticas do cotidiano, o tema da “casa de habitação” adquire outra dimensão. Tudo é descrito como num filme: a narrativa fortemente imagética substitui as ilustrações, que são poucas e de caráter técnico, na reconstituição da experiência espacial do observador. O movimento do olhar conduz o leitor através de um percurso que entra e sai das casas, passeia pelas ruas da cidade, circula entre seus habitantes, observa os tipos, sente os cheiros, segue o fluxo até que,

deixando para trás a dinâmica urbana, toma o caminho do campo e experimenta novas transformações da paisagem, e da arquitetura que faz parte dela, até chegar ao destino final. Por trás da narrativa pitoresca existe uma noção de espaço de grande complexidade. Essa noção do espaço nos parece constituir um importante direcionamento para a história da arte: a abordagem de Vauthier, apesar de focada na arquitetura doméstica, mostra as possibilidades e a pertinência de uma historiografia construída a partir das relações que envolvem objeto, espaço e cotidiano.

**Referências Bibliográficas:**

VAUTHIER, L.L. Des maisons d'habitation au Brésil. In: Revue Générale de l'Architecture et des Travaux Publics. Paris: 1853, p. 118-306.

